



EDGAR A. POE
Um conto das

MONTANHAS RAGGED

ADAPTAÇÃO
Renato Massaharu Hassunuma

canal6 editora

© Renato Massaharu Hassunuma

Título original

A tale of the Ragged Mountains

Conselho Editorial

BIOMÉDICA ESP. GABRIELY CRIVARI DE ALMEIDA LIMA

Especialista em Assistência Dermatológica Especializada pelo Instituto Lauro de Souza Lima (ILSL)

BIOMÉDICA M.^a MARYANA LOURENÇO BASTOS DO NASCIMENTO

Mestra em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP)

ENF. ESP. FÁBIO APARECIDO DA SILVA

Especialista em Enfermagem em UTI Neonatal, Ginecologia e Obstetrícia pela Faculdade de São Marcos – FACS

Capa e Design

Renato Massaharu Hassunuma

Créditos das Figuras

Capa, páginas capitulares e contracapa

Fonte: Andrea S. Snow covered mountain during sunrise [Internet]. 2017 Oct 17 [Acesso 03 jun 2024].

Disponível em: <https://www.pexels.com/photo/snow-covered-mountain-during-sunrise-618833/>. Figura registrada como: *Free to use. Attribution is not required.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

P743c

1.ed. Poe, Edgar A., 1809-1849

Um conto das Montanhas Ragged [livro eletrônico] / Edgar A. Poe; tradução e adaptação: Renato Massaharu Hassunuma. – 1. ed. – Bauru, SP: Canal 6, 2025.

PDF.

Título original: A tale of the Ragged Mountains.

ISBN 978-85-7917-687-6

1. Ficção norte-americana. I. Hassunuma, Renato Massaharu. II. Título.

06-2025/64

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Bibliotecária : Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129



EDGAR A. POE
Um conto das

MONTANHAS RAGGED

ADAPTAÇÃO

Renato Massaharu Hassunuma

Professor Titular do Curso de Biomedicina

Universidade Paulista - UNIP, Câmpus Bauru

1ª Edição / 2025

Bauru, SP

AGRADECIMENTOS

Agradeço a ***Biomédica Esp. Gabriely Crivari de Almeida Lima, Biomédica M.^a Maryana Lourenço Bastos do Nascimento e o Enf. Esp. Fábio Aparecido da Silva***, pelas suas valiosas contribuições na revisão da adaptação do conto.

Agradeço o apoio da **Universidade Paulista – UNIP**, por meio da **Vice-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Paulista – UNIP** na publicação desta obra.

Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma

APRESENTAÇÃO

“Um conto das montanhas Ragged” é uma obra menos conhecida do escritor norte-americano Edgar A. Poe, porém tem a sua importância tanto na história do autor, quanto na da Medicina. Este conto foi publicado pela primeira vez em 1844 e foi inspirado na pequena cadeia de colinas escarpadas que ficam em Virgínia, um local que o autor conhecia desde seus tempos de graduação. Pesquisadores sugerem que neste conto seja descrito pela primeira vez a história de um paciente com a síndrome de Marfan, uma doença que viria a ser descrita pelo pediatra francês Antoine Bernard-Jean Marfan cerca de cinquenta anos depois.

Esta publicação é uma produção científica do **GP15 - Grupo de Pesquisa em Informática em Saúde**. Para mais informações sobre o GP15, acesse o Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil Lattes/CNPq, disponível no [link: http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5285181734512763](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5285181734512763).

É importante mencionar também que esta obra teve o apoio da **Universidade Paulista – UNIP**, por meio da **Vice-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Paulista – UNIP**, como parte das atividades desenvolvidas no Projeto Individual de Pesquisa para Docentes intitulado **“A exumação de Edgar Allan Poe: encerrando um estudo de 7 anos com 13 publicações científicas sobre temas da área da saúde abordados em seus contos”**.

Uma boa leitura!

Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma



EDGAR A. POE
Um conto das

MONTANHAS RAGGED

EDGAR A. POE

Um conto das

MONTANHAS RAGGED

No outono de 1827, enquanto residia perto de Charlottesville, Virgínia, conheci o Sr. Augusto Bedloe. Era um jovem senhor notável em todos os aspectos. Ele despertou em mim um profundo interesse e curiosidade, pois era impossível compreendê-lo, tanto em relação às suas questões morais, quanto por suas qualidades físicas. Conversei com pessoas de sua família, mas não tive nenhum relato satisfatório. Não sei onde ele veio, nem sei sua idade, embora eu o chame de jovem cavalheiro. Havia algo que me deixava perplexo. Ele parecia jovem e fazia questão de falar sobre sua juventude. Mas houve momentos em que eu tinha impressão que, pela sua experiência de vida, ele teria uns cem anos de idade.

Mas nenhum outro aspecto dele era mais peculiar que em sua aparência. Ele era alto e magro de uma forma singular. Ele andava meio curvado. Seus membros eram extremamente longos e magros. Sua testa era larga e baixa. Sua pele era pálida como se não tivesse sangue. Sua boca era grande e flexível, e seus dentes, embora saudáveis eram desiguais. No entanto, seu sorriso não era desagradável, como se poderia imaginar. Mas era de uma melancolia incessante. Seus olhos eram exageradamente grandes e redondos, como os de um gato. As pupilas se abriam ou se fechavam frente a qualquer variação de luz. Em momentos de maior emoção, seus olhos brilhavam, mas não como um reflexo, e sim como a luz de uma vela ou do sol. De forma geral, não havia nada de especial naqueles olhos que pareciam pertencer a um cadáver enterrado há muito tempo.

Quando o vi pela primeira vez, percebi que essas peculiaridades o incomodavam. E isso me deixou triste. No entanto, aos poucos me acostumei com seu jeito e passei a não me incomodar mais com a sua condição.

Há muitos anos atrás, ele foi atendido por um médico, chamado Dr. Templeton, um elegante cavalheiro que deveria ter uns setenta anos de idade. Eles se encontraram pela primeira vez em Saratoga. Bedloe, que era rico, fez um acordo com o Dr. Templeton, em troca de um subsídio anual, para que o médico dedicasse seu tempo e sua experiência exclusivamente aos cuidados de pessoas inválidas.

Em sua juventude, o Dr. Templeton costumava viajar bastante. Certo dia, em Paris, se converteu às doutrinas de Dr. Mesmer, um famoso hipnólogo. Foi por meio do tratamento proposto pelo médico que Bedloe conseguiu ter um alívio em suas dores agudas. O Doutor submeteu o paciente a diversos outros tipos de terapias. A relação entre o Doutor Templeton e Bedloe havia crescido, pouco a pouco, de forma distinta.

No entanto, não estou preparado para afirmar que esse relacionamento se estendeu além dos limites do simples poder de indução ao transe. Na primeira sessão de hipnose, o doutor falhou completamente. Foi apenas na quinta ou sexta consulta que, com muita dificuldade, ele conseguiu induzir um estado de hipnose. E apenas no décimo segundo encontro é que o sucesso do tratamento foi completo. Depois disso, a vontade do paciente sucumbiu rapidamente à do médico, de modo que, quando os conheci, o médico conseguia provocar o sono no paciente quase que instantaneamente. Só agora, em 1845, quando milagres semelhantes são testemunhados diariamente por milhares, ousa arriscar a contar este relato.

Augusto Bedloe era uma pessoa de temperamento sensível. Tinha uma imaginação extremamente criativa, mas grande parte dela decorria do uso regular de morfina. Ele consumia este fármaco em grandes quantidades, pois achava impossível viver sem a medicação. De manhã, imediatamente após uma xícara de café forte, consumia uma dose muito alta.

Certo dia, o Sr. Bedloe decidiu sair de casa sozinho, acompanhado apenas pelo seu cachorro, em uma longa caminhada entre as colinas selvagens e sombrias que ficam a sudoeste de Charlottesville, que eram chamadas de Montanhas Ragged. O passeio nas colinas virou uma rotina.

Mas em um dia sombrio, quente e enevoadado, no final de novembro, durante a mudança de estações, o dia passou e ele não voltou para casa naquela tarde. Estávamos seriamente preocupados com sua ausência e prestes a sair em busca dele. Mas logo antes das oito horas da noite, Bedloe apareceu. Seu estado de saúde não era preocupante, mas seu relato do que aconteceu foi realmente singular. Segue então nas próximas páginas a transcrição do que ele mencionou ao retornar a sua residência:

Era cerca de nove horas da manhã quando saí de Charlottesville. Caminhei em direção às Montanhas Ragged e, por volta das dez horas, entrei em um desfiladeiro que era inteiramente novo para mim. Encontrei uma entrada completamente isolada e inacessível. Creio que eu fui a primeira pessoa a encontrar aquele caminho. Segui por essa passagem com muita curiosidade.

Cheguei a um lugar misterioso. Havia algo no lugar que criava um clima sombrio e uma sensação de solidão. O lugar parecia nunca ter sido visitado por nenhuma outra pessoa. Eu imaginava que aquelas rochas verdes e pedras cinzentas nunca foram pisadas antes por nenhum outro ser humano. Havia uma forte névoa que pairava pesadamente sobre tudo. O nevoeiro era tão denso que em certo momento não consegui enxergar mais do que dez ou doze de metros em frente. Era um caminho muito sinuoso, que nem sol conseguia alcançar o lugar. Acabei perdendo a orientação de onde estava.

Eu ainda estava sob o efeito da morfina, então tudo ganhava uma dose extra de encanto. O tremor de uma folha, a tonalidade verde da grama, a forma de um trevo, o zumbido de uma abelha, a gota reluzente de orvalho, o sopro do vento, os odores aromáticos que vinham da floresta, tudo era deslumbrante para mim.

Deslumbrado com essa festa de sensações, caminhei por horas enquanto a névoa tornava-se mais densa a ponto de eu ter de caminhar tateando as paredes das montanhas ao meu redor.

Então, comecei a passar mal e a tremer. Pisava com muita cautela, para não cair em nenhum abismo. Lembrei das histórias que as pessoas contavam sobre as Montanhas Ragged.

De repente, me espantei com o som de um tambor. Depois escutei um barulho estranho, como se fosse de um molho de chaves. De repente, vi um homem seminu de olhos escuros correndo em minha frente gritando. Ele passou tão perto de mim que senti seu hálito quente no meu rosto. O barulho que ouvi era de um conjunto de anéis de aço que ele carregava em uma das mãos enquanto corria. Do meio da névoa, observei uma enorme besta perseguindo-o. Estava ofegante de boca aberta e com olhos brilhantes. Era uma enorme hiena.

Sentia uma certa sonolência, mas me esforçava para ficar acordado. Caminhei mais rápido, enquanto esfregava meus olhos, gritava em voz alta e beliscava meus braços. Segui em frente até que encontrei uma pequena fonte de água. Inclinei para banhar minhas mãos, cabeça e pescoço, o que me ajudou a despertar.

Revigorado por aquelas águas, prossegui firme naquele caminho desconhecido. Horas depois, dominado pelo cansaço, sentei-me debaixo de uma árvore. Um feixe de raios de sol passavam por entre as sombras das folhas da árvore e caía sobre mim e a grama. Olhei para cima. A árvore era uma palmeira. Maravilhado, observava aquela sombra por muito tempo. Depois me levantei apressado, porque a sombra já não me servia mais. Naquele momento senti que tinha o perfeito domínio dos meus sentidos, trazendo à minha alma um mundo de sensações novas e singulares. O calor se tornou insuportável. Um odor estranho era carregado pela brisa. Um murmúrio baixo e contínuo, como o das águas de um rio, chegou aos meus ouvidos, misturado com o zumbido peculiar que pareciam vozes humanas. De repente, houve uma forte e breve rajada de vento que dissipou a névoa como um encanto conduzido por uma varinha mágica.

Descobri então que eu estava no alto de uma montanha. Vi uma vasta planície atravessada por um rio majestoso. Às margens do rio havia uma cidade de aparência oriental, muito peculiar e semelhante àquelas descritas em contos árabes. Daquele local, muito acima da cidade, eu observava cada pedaço da cidade como se estivesse vendo um mapa.

A cidade era cheia de habitantes. Havia inúmeras ruas, que eram cruzadas por vielas vindas das mais diversas direções. As casas eram pitorescas, todas com varandas e janelas com adornos fantasticamente esculpidos. Existia também um amplo comércio local, onde eram expostos produtos caríssimos como sedas, musselinas, talheres, joias e pedras preciosas. Também observei inúmeras bandeiras, carruagens que carregavam damas, elefantes adornados, estátuas, tambores, gongos, lanças, outras armas de prata e ouro.

Em meio à multidão de homens negros e amarelos, de turbantes, com suas barbas esvoaçantes, vagavam incontáveis touros santos adornados, enquanto vastas macacos sagrados, gritavam. Das ruas lotadas até às margens do rio, era necessário descer inúmeros lances de escada que levavam aos locais de banho.

O rio parecia forçar passagem entre as frotas de navios. Além dos limites da cidade surgiam grupos majestosos de palmeiras e cacaueiros. Havia também campos de arroz, uma cabana de palha de um camponês, um templo perdido, um acampamento cigano e uma solitária donzela graciosa seguindo seu caminho com um jarro na cabeça. Tudo isso às margens daquele magnífico rio. Você pode achar que tudo foi um sonho meu. Mas não foi. Nada do que eu vi, ouvi ou senti foi um sonho. Tudo era real. No início, eu mesmo duvidei que estivesse acordado.

Num sonho nós acordamos quando suspeitamos que algo não seja real. É um erro pensar que estamos perto de acordar quando sonhamos o que sonhamos. Se aquilo fosse apenas uma visão ou um sonho, eu saberia.

Então, eu desci para a cidade. No caminho, encontrei avenidas lotadas de pessoas. Todas corriam na mesma direção. Fiquei muito curioso para entender o que estava acontecendo. Infiltrei-me naquela multidão que não se mostrava muito amigável e segui por um caminho tortuoso até chegar no centro da cidade. O local era muito tumultuado. Um pequeno grupo de homens, vestidos com trajes que pareciam meio índios e meio europeus eram conduzidos por cavalheiros de uniforme britânico. Peguei as armas de um oficial caído e tentei ajudar os mais fracos, lutando sem saber contra quem.

Fomos dominados por um número maior de homens e assim, fomos obrigados a procurar um refúgio em uma espécie de quiosque. Lá nos escondemos, ficando seguros por um tempo. Por uma brecha no quiosque, observei uma multidão agitada enorme que cercava e assaltava um belo palácio próximo ao rio. De uma janela superior daquele lugar, descendo de uma corda feita de turbantes, vi uma pessoa bastante delicada. Ele seguiu para um barco que estava atracado na beira do rio e fugiu para a margem oposta.

Falei algumas palavras apressadas aos meus companheiros e decidimos fugir do quiosque. Corremos em meio à multidão que nos cercava e que passou a nos perseguir. Seguimos para bem longe, nos perdendo naquelas ruas estreitas de casas altas. Continuávamos a ser perseguidos por pessoas que jogavam com lanças e flechas que imitavam o corpo de uma serpente rasteira. Eram longas e negras, com uma farpa envenenada.

Uma das flechas atingiu minha têmpora direita. Cambaleei e caí. Senti uma dor instantânea e terrível que tomou conta de mim. Caí, sufoquei e morri.

Por muitos minutos, meu único sentimento foi o da escuridão, o da consciência da morte. Por fim, senti um choque violento e súbito na minha alma, como se fosse vinda da eletricidade. Com ela veio uma luz que senti, mas não vi. Num instante, me sentia levantando do chão. Mas eu não havia presença corporal, visível, audível ou palpável. A multidão sumiu. O tumulto havia cessado. A cidade estava silenciosa. Debaixo de mim jazia meu cadáver, com a flecha na têmpora, com a cabeça toda muito inchada e desfigurada.

Todas essas coisas eu senti, mas não vi. Não me interessei por nada. Até o cadáver parecia um assunto que não me preocupava mais. Eu não conseguia me movimentar e voava animadamente para fora da cidade, refazendo todo o caminho tortuoso de volta.

Quando cheguei naquele local onde encontrei a hiena, experimentei novamente a sensação de um choque, e o peso do meu corpo voltou. Aquele era meu original, caminhando em passos ansiosos para casa. Mas o passado não deixou de ser real. E nem agora, nem por um instante, posso dizer que tudo foi um sonho.

Segue abaixo, o relato do Dr. Templeton:

Não podemos dizer que a história contada por Augusto Bedloe tenha sido um sonho, mas por outro lado, não existe um termo mais adequado para definir o ocorrido. Digamos que ainda estamos à beira de novas descobertas psíquicas e vamos nos contentar com essa suposição.

Quanto ao restante, acho que posso explicar da seguinte maneira. Eis aqui um desenho em aquarela. Eu deveria ter lhe mostrado antes, mas um sentimento de horror inexplicável me impediu de mostrar. Você perceberá que este quadro tem a data de 1780. É o retrato de um falecido amigo, o Sr. Oldeb, que conheci em Calcutá durante o governo de Warren Hastings. Naquela época, eu tinha apenas vinte anos.

Quando vi pela primeira vez o Sr. Bedloe em Saratoga notei a semelhança que existia entre Bedloe e Oldeb. Por isso, decidi seguir Bedloe e buscar sua amizade. Fui tomado por uma curiosidade que me deixou inquieto.

A visão que Bedloe descreveu detalha com precisão a cidade indiana de Benares, sobre o Rio Santo. O tumulto, o combate e o massacre foram eventos reais da insurreição de Cheyte Sing, que ocorreu em 1780. O homem que escapava pela corda de turbantes era o próprio Cheyte Sing. A comitiva no quiosque eram sepoys e oficiais britânicos. Eu era um deles e fiz tudo o que pude para evitar a morte de um oficial por uma flecha envenenada atirada por um bengalês. Aquele oficial era meu melhor amigo. Ele era Oldeb. Você perceberá nesse manuscrito que no exato momento em que você imaginou essas coisas em meio às colinas, eu estava empenhado em detalhar os acontecimentos aqui em casa neste caderno.

Cerca de uma semana depois dessa conversa, o seguinte parágrafo apareceu em um jornal de Charlottesville:

Temos o doloroso dever de anunciar o falecimento do Sr. Augustus Bedlo, um cavalheiro cujo modo amável e de muitas virtudes há muito cativaram aos cidadãos de Charlottesville. O Sr. Bedlo era vítima de uma neuralgia, mas esta não foi a causa de sua morte. Alguns dias depois de uma excursão às Montanhas Ragged, ele foi acometido por um resfriado e febre. O Dr. Templeton recorreu ao tratamento por sangramento tópico usando sanguessugas. O tratamento culminou na morte do paciente, causado por uma sanguessuga venenosa que acidentalmente estava junto às medicinais.

Em uma conversa com o editor do jornal, sobre este notável incidente, me ocorreu de perguntar sobre o nome do falecido, porque sempre achei que o nome Bedlo fosse escrito com uma letra E no final, uma vez que a grafia Bedloe me parece mais correta.

O editor então me respondeu:

- O que aconteceu de verdade é mais estranha do que qualquer ficção, porque Bedloe, sem a letra E, não é nada mais que o nome Oldeb ao contrário. Talvez, isso seja algo além de um mero erro tipográfico.

FIM



“Um conto das montanhas Ragged” foi publicado pela primeira vez em 1844 e foi inspirado na pequena cadeia de colinas escarpadas que ficam em Virgínia, um local que o autor conhecia desde seus tempos de graduação. Estudiosos acreditam que este conto descreveu pela primeira vez um paciente com a síndrome de Marfan, que viria a ser descrita pelo pediatra francês Antoine Bernard-Jean Marfan cerca de cinquenta anos depois.